

## **A EDUCAÇÃO NÃO PODE SALVAR O MUNDO: REFLEXÕES ACERCA DA SOBRECARGA DE TRABALHO DOCENTE E DA RESPONSABILIDADE SOBRE A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS**

*Msc. Bruna Milene Ferreira<sup>1</sup>*

*Enquanto alguns professores estão salvando o mundo nas escolas muitos pais estão nas academias malhando seus bíceps ou no compromisso inadiável do salão de beleza e da massagem*

*Bruna M. Ferreira*

Ser professor, especialmente na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental em nosso século demanda um esforço hercúleo. Ouso dizer sem exagero que estes profissionais vão à guerra todos os dias com seus arsenais e retornam dela cada vez mais debilitados física e psicologicamente, como qualquer soldado que chega do combate destroçado depois do contato com as experiências embrutecedoras de ter sido uma máquina em um campo de batalha.

É isso que os educadores são, nas escolas, na atualidade: máquinas em um campo de batalha. Cumprem uma carga horária exaustiva, como um maquinário que nunca desliga e que jamais pode falhar. Necessitam de acordo com os parâmetros legislativos educacionais tais como a: LDB 9394/1996, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o PNE, a BNCC, o PCN etc.; assumir múltiplas tarefas e se colocam em uma condição de super-homem, cuja função é a de salvar a humanidade, por meio da “salvação” inicial da criança. A crença é a de que se a infância for “moldada” o quanto antes conforme tudo o que o educador multitarefa puder ensinar, então teremos no futuro adultos prontos a viver em um mundo mais harmônico ou, pelo menos, mais humano.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (2001). Mestre em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal de Goiás (2004). Professora de Filosofia da Educação, Sociologia da Educação e Pesquisa em Educação no curso de Pedagogia do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN). Orientadora de TCC no mesmo curso. Coordenadora do Programa de Orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso do ISE na mesma IES. Editora chefe da Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate do Instituto Superior de Educação da UNIFAN e colaboradora da Revista Sociedade, Saúde e Meio Ambiente também nesta IES.

Não acredito em nenhuma das duas possibilidades. A primeira situação apenas sobrecarrega o educador e destrói a sua saúde física e mental. Hoje ele é responsável por “gerenciar” nas instituições de ensino infantil os conteúdos direcionados à educação ambiental, sexual, trânsito, artes, diversidade cultural e em meio a estes temas precisa lidar com o problema grave do bullying, na maioria dos casos, sem o suporte da gestão, de psicólogos, das famílias e outros profissionais. Além disso, o pedagogo administra medicamentos como se estivesse em uma enfermaria e em berçários cuida de crianças, na rede particular elitizada, sob a vigilância dos pais sentindo-se como se estivesse em uma prisão de segurança máxima, com seus passos a todo momento monitorados. O que isso a longo prazo pode acarretar psicologicamente falando? Preciso ser mais clara?

A família contemporânea transferiu seus cuidados, e digo sem a menor cerimônia, a educação completa de seus filhos, para a escola. O fenômeno da escola em tempo integral é o maior representante disso. As pessoas querem gerar filhos e detestam a ideia de ter tempo para estarem na companhia deles. Novamente o professor precisa assumir um novo papel. Suportar a prole alheia o dia inteiro na escola.

Alguns pais esquecem os filhos por lá e aparecem após as 19:00 horas quando são chamados a comparecer, pois estão em suas academias, salões de beleza e shopping centers entretidos com assuntos mais interessantes, do que lembrar que têm filhos depositados em algum lugar por aí. O leitor ou leitora deve estar muito zangado ou zangada comigo por me dirigir aos pais desta forma nada delicada. Ser pai ou mãe não deve ser uma aventura fácil e é exatamente por isso que não me atrevi a sê-lo.

Sei que muita gente opta pelo ensino integral porque realmente precisa trabalhar duro ou pelo fato de querer proporcionar ao seu pequeno prodígio a melhor formação possível, não estou julgando isto. Critico duramente os casos dos pais que o fazem para literalmente se livrarem das coitadas das crianças. Considero isso um crime. Um absurdo completo. Deixam-nas o dia todo na escola para bater perna no shopping, ir ao salão, passar na casa daquela amiga para colocar a fofoca em dia, ir à massagem, entre outras atividades “inadiáveis” da vida moderna. Enquanto isso, o professor “salva o mundo”.

Por falar nisso, eis um outro desafio do educador moderno. A educação inclusiva, uma das maiores conquistas dos últimos tempos, sem a menor dúvida, porém da forma como vem sendo praticada, também sobrecarrega este professor, pois as escolas não seguem adequadamente o que prevê a lei 13.146/2015. A estrutura física escolar é imensamente insuficiente para tanto. A formação docente também. Principalmente na rede pública, inúmeras instituições não contam nem mesmo com profissionais de apoio para dar suporte às crianças com necessidades especiais, o que novamente, gera sobrecarga ao professor regente que já é responsável por uma turma numerosa e ainda precisa lidar com os alunos especiais, na maioria dos casos, com pouquíssimo preparo e sem nenhum amparo da gestão ou da secretaria da educação.

A inclusão não vem, portanto, sendo tratada com a devida dignidade, nem seus estudantes. Os docentes não recebem formação especializada, o que, por si só, joga por terra todo o projeto da oferta do ensino de qualidade ao público com necessidades especiais. Deixar, principalmente nas escolas públicas, estes alunos sem professores de apoio é ferir mais uma vez seus direitos. Fica o questionamento: que inclusão mascarada é esta praticada em nosso país? Ela serve aos interesses de quem? Resolve apenas o problema do abatimento dos impostos das empresas que contratam uma cota de pessoas com necessidades especiais, que precisam antes passar pelas escolas para “qualificar” sua mão de obra, a fim de ingressarem no mercado de trabalho?

Voltando à outra possibilidade, na qual eu disse que não acreditava, no que diz respeito à educação ser capaz de tornar as pessoas mais propensas a viver em um mundo harmônico e mais humano. O século XX, também conhecido como o apogeu da Modernidade foi bastante emblemático ao propiciar à humanidade um progresso científico e tecnológico nunca visto em um momento anterior da História. As Revoluções Industriais são provas mais que concretas disso (A Revolução das Fábricas muito útil também à fabricação do maquinário de guerra da Primeira Guerra Mundial (1914-1918); A Revolução Tecnológica responsável pelo surgimento da Internet; a Robótica e a Inteligência Artificial já no século XXI).

Tamanho progresso igualmente se mostrou sinônimo de barbárie marcadamente entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais. Os campos de

extermínio, no período da ocupação nazista, talvez sejam o maior exemplo disso com seu rastro de milhões de mortos. Seu funcionamento seguia a lógica da burocracia moderna: os judeus e outros inimigos do regime eram alocados nos vagões dos trens e direcionados aos campos de acordo com toda uma logística.

Ao chegarem lá eram distribuídos conforme suas classes (judeus, comunistas, homossexuais, testemunhas de Jeová, negros, entre outros). Alguns seguiam para o trabalho escravo, outros ocupavam cargos de fiscalização destes trabalhadores. Quem tinha menos sorte, de acordo com os critérios dos nazistas, parava nas câmaras de gás.

Até mesmo as câmaras de gás foram projetadas de acordo com a racionalidade burocrática moderna, pois era necessário exterminar de forma limpa, rápida, eficiente, de modo que o maior número possível de pessoas viesse a óbito silenciosamente, sem deixar vestígios. Posteriormente, os corpos eram incinerados em grandes fornalhas para que o mundo exterior não pudesse ter acesso às provas deste imenso crime contra a humanidade.

O retorno ao contexto dos horrores relacionados à Segunda Grande Guerra se fez necessário porque a promessa da Modernidade, segundo a qual o progresso nos colocaria lado a lado com a humanização e a harmonia entre os povos se quebrou antes mesmo de tentar se cumprir. O século XX é o atestado disso. Quanto mais progresso, mais barbárie. Após a Segunda Guerra foi proclamada nos anos 1940 a Declaração Universal dos Direitos Humanos. As atrocidades ocorridas nos campos de concentração, sem dúvida nenhuma, exerceram forte influência sobre a elaboração do documento. Após uma conquista tão relevante para a humanidade teria finalmente o indivíduo se apossado do direito, na prática das ruas, de ir e vir sem ser violado em seus direitos básicos?

Ruas, escolas, estádios, parques e tantos outros espaços públicos mostram, já no século XXI, que mesmo após a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a barbárie impera com força total. A diferença é que não nos encontramos no momento em um contexto de guerra mundial declarada. Nossa guerra é outra. É o combate do cotidiano, a intolerância com quem pensa ou age diferente. A total incapacidade de lidar com pessoas de outros credos, etnias ou

padrões sociais. O espancamento nas ruas que tantas pessoas sofrem pelo simples fato de serem diferentes em algum aspecto. O sociólogo polonês, que também era judeu, Zygmunt Bauman, deu a este tipo de preconceito o nome de mixofobia. A imensa dificuldade de interação com quem é diverso do outro por pertencer a uma cultura distinta.

Em sua obra *Confiança e Medo na Cidade* o autor discute a segregação que a vida nos grandes Condomínios horizontais e verticais representa em nosso tempo, no tocante a quem fica fora destes espaços. Obviamente quem busca este modelo de moradia está à procura da “blindagem” contra a violência, no entanto o efeito colateral de tudo isso é o afastamento cada vez maior da possibilidade de tornar o mundo exatamente aquele lugar que professores e alunos um dia sonharam que poderia ser mais harmonioso ou, pelo menos, humano.

Se podemos comemorar ao afirmar que grandes guerras em nível mundial não acontecem há quase um século, por outro lado, mesmo levando este dado em conta, não dá para dizer também que por este motivo nosso mundo se transformou em um lugar melhor para se viver.

A política não nos preparou para isso investindo em espaços públicos de maior socialização, em educação de qualidade ou aplicação mais eficiente dos recursos tributários. As tecnologias não vêm se mostrando integradoras, ao contrário, fomentam uma imensa concorrência entre os indivíduos, por meio das redes sociais, em nossa Sociedade do Espetáculo. As religiões lamentavelmente, em sua maioria, praticam o preconceito, o que reforça ainda mais a intolerância que vemos e sentimos por aí. Não seria, pois, a educação aquela a ser oferecida em sacrifício para resolver o problema, onde todas as outras áreas falharam, a fim de salvar a humanidade da nova barbárie.

Portanto, deixemos definitivamente de lado o velho vício que nos leva a crer que a educação deve sempre assumir o papel da redentora. O professor está exausto carregando nas costas como o deus Atlas da mitologia grega o mundo inteiro, representado pelas suas multitarefas. Atualmente, em tempos de Pandemia do Coronavírus ele assumiu mais funções ainda. Está inclusive adoecido. Sofrendo com a ansiedade, a insônia, a depressão, o *Burnout*. Isto

ninguém quer ver, porque o educador ainda é enxergado como uma máquina dos tempos da 1ª Revolução Industrial que jamais pode colapsar. Querem que ele realize uma “missão” muito nobre: ajudar a mudar o mundo! Mas como mudar um mundo, no qual a barbárie foi naturalizada e o mal banalizado?

E digo mais: Como alguém tão cobrado, atarefado, cujo trabalho não é valorizado e já adoecido pode auxiliar na mudança deste mundo, no qual a família já abandonou a responsabilidade que deveria inexoravelmente ter pelos filhos e a transferiu para a escola, melhor dizendo, para o professor? Definitivamente é mais que urgente refletir sobre tudo isso, especialmente se você é um professor do nível básico, mas não apenas. Esta é uma responsabilidade a ser assumida pela sociedade. E que os pais voltem a ser pais, pelo amor de Deus!